

O Golpe QAnon: histeria e conspiração no fim do mundo

Via [Punto Rojo](#)

Nos corredores do Congresso, os democratas estão tentando (ou pelo menos fingindo tentar) forçar uma investigação sobre o motim de 6 de janeiro, no qual os apoiadores do Trump invadiram o prédio do Capitólio dos EUA. Muitos da esquerda vêem corretamente este passo como uma peça de teatro político destinada a apaziguar simultaneamente sua base e gerar uma razão para uma maior expansão do estado de segurança nacional. Apesar da ridícula encenação dos partidos capitalistas, no entanto, não há nada de frívolo no tumulto ou na horda de fanáticos teóricos da conspiração “QAnon” que a gerou. Os acontecimentos do dia 6 de janeiro pressagiam o surgimento de uma nova Direita radicalizada, que a Esquerda deve estar preparada para combater.

Sintomas mórbidos

O velho mundo está morrendo, e o novo mundo luta para nascer: agora é o tempo dos monstros.

(Antonio Gramsci)

No dia 6 de janeiro de 2021, uma multidão de direita dominou a polícia federal e invadiu o prédio do Capitólio dos EUA. O caos levou a cinco mortes, incluindo um policial que teve sua cabeça esmagada com um hidrante e uma mulher da multidão que foi baleada pela polícia. O objetivo dos aspirantes a insurrecionistas – impedir a certificação dos resultados eleitorais mostrando Joe Biden como o vencedor e Donald Trump como o perdedor – falharia, é claro, completamente. Nunca foi uma crise existencial para a ordem constitucional nos EUA, ao contrário do que alguns dos mais histéricos especialistas

liberais nos fariam acreditar. Por outro lado, o dia 6 de janeiro marcou a primeira vez desde 1812 que a sede do poder americano foi fisicamente ameaçada. Demonstrou que estamos em meio a um período de instabilidade que não vemos desde as convulsões de 1968 – só que desta vez, a maior parte do impulso está à direita.

As imagens deste evento foram absurdas, beiravam a fantasia. O protesto-insurreição apresentou a todos, desde um “xamã” autodescrito com pintura de rosto e touca vikingesca, até tipos de milícias em equipamento tático completo preparado com fechos de correr para fazer “prisões”, até aposentados de aparência perfeitamente normal filmando verticalmente em seus telefones celulares. A aparência incongruente dos participantes foi igualada por suas vistas estranhas. Eles estavam unidos por uma única teoria de conspiração – que a contagem dos votos tinha sido manipulada contra Trump. Por trás desta crença singular estavam muitas mais complexas e absurdas hipóteses. O mais importante entre estes pontos de vista era o fenômeno QAnon.

Os eventos de 6 de janeiro pressagiam o surgimento de uma nova Direita radicalizada que a Esquerda deve estar preparada para combater.

De acordo com os adeptos do movimento QAnon, um conselheiro superior de Trump (ou talvez o próprio Trump) está usando o pseudônimo Q para vazar informações ao público sobre as batalhas secretas de Trump contra uma cabala secreta de pedófilos que controlam o mundo (ou controlaram o mundo até Trump ser eleito, ou estão tentando controlar o mundo – as especificidades não são particularmente claras). Esta teoria da conspiração evoluiu para um universo inteiro para seus seguidores mais fervorosos. A teoria “Pizzagate”, segundo a qual as elites de Washington DC violam e/ou comem e/ou ritualmente sacrificam crianças no porão do restaurante Comet Pizza, foi incorporada ao sistema de crença QAnon. Muitos apoiadores de QAnon acreditam que alegadamente celebridades

pedófilas foram presas e executadas ou enviadas à Baía de Guantanamo e substituídas por hologramas ou clones, e que John F. Kennedy, Jr. está secretamente vivo e apoiando Trump como Q.

O puro ridículo dessas afirmações as torna difíceis de serem respondidas por seus oponentes. Alguns comentaristas se fixam nas especificidades destas teorias conspiratórias: se pudéssemos apenas combater estas más ideias, mostrá-las falsas, então poderíamos desarmar o perigoso movimento que se acumulou em torno delas. Outros simplesmente as rejeitam: “Os desordeiros do Capitólio eram uma franja lunática. É claro que o que aconteceu é trágico, mas não faz sentido pensar muito nisso à custa de questões políticas mais importantes”.

Estas duas abordagens não são suficientemente dialéticas. Qualquer bom marxista sabe que o principal motor da história é a luta de classes, não as ideias que borbulham na superestrutura ideológica. Mas mesmo que as ideias nunca sejam totalmente autônomas da economia política, elas podem ter efeitos discretos. Mais importante ainda, estudar estas ideias (por mais absurdas que sejam) pode revelar como a interação das forças de classe está afetando a consciência popular e fornecer uma perspectiva estratégica mais completa para a intervenção política.

A conspiração por trás da teoria

A forma que as teorias de conspiração geralmente assumem na imaginação popular é de controle social por um pequeno grupo de pessoas poderosas que exercem uma influência secreta. Inconvenientemente, esta é exatamente a forma como o mundo funciona.

(Shuja Haider)

A recente série documental da HBO, *QAnon: Into the Storm* foi atacada por alguns críticos por sua abordagem para descobrir

quem é o verdadeiro Q. O site 538 diz: “O documentário cai vítima deste tipo de mentalidade de resolução de quebra-cabeças, de busca de padrões, tão prevalecente entre os seguidores de Q”. A NBC é ainda mais ardente: “ A própria credibilidade [do cineasta] Hoback se beneficiaria com menos cenas que se entregariam longamente aos conspiradores: sua percepção das coisas, que constitui a base dos seguidores de Q, é desconfortavelmente lembrada pelos próprios esforços de Hoback no filme para identificar Q... Em algum momento das seis horas, deixa de ser claro onde Hoback termina e os teóricos da conspiração começam”.

Há alguns problemas com este argumento. A questão mais óbvia é que ele nega funcionalmente a existência de conspirações reais, cuja realidade é prontamente aparente. Os respectivos autores não dizem diretamente: “as conspirações não existem”. Mas, ao descartar de vez a suposta “mentalidade de solução de enigmas, de busca de padrões” do cineasta ou ao condenar a “indulgência dos conspiradores” (leia-se: entrevistando os sujeitos de seu filme), seu argumento condena a priori qualquer tentativa de descobrir ou explicar enredos secretos, como eles funcionam, ou quem está por trás deles. Se esta atitude fosse adotada por atacado, não saberíamos sobre as tentativas dos programas de controle mental da CIA, sobre os eventos forjados no Golfo de Tonkin que levaram à Guerra do Vietnã, o caso Irã-Contrato, o falso testemunho que impulsionou o envolvimento dos EUA na Guerra do Golfo.

Na verdade, até mesmo as afirmações estranhas da conspiração de QAnon não estão tão longe da verdade. Sabemos pelos detalhes emergentes do caso Epstein que celebridades, políticos e os ultra-ricos estão de fato ligados a círculos pedófilos secretos. QAnon apenas se engana nos detalhes: o covil secreto está em uma ilha privada, não em um restaurante de pizza, e Donald Trump é bom amigo do pedófilo chefe, não de seu arqui-inimigo.

O que torna a posição conspiratória-negacionista quase risível

é que, no caso específico de QAnon, sabemos que algo oculto está acontecendo: Alguém ou algum grupo está postando como Q, e o público não sabe quem é. Não são necessárias suposições paranóicas sobre enredos totalmente perniciosos para investigar quem exatamente está por trás de tal esquema. A inevitável reedição dos críticos é assim: Sim, há algo a ser descoberto, mas isso realmente não importa. O que está em jogo são as implicações sociais mais amplas; fixar a exposição dos culpados é uma mentalidade de conspirador. Esta é uma proposta mais sofisticada, mas que acaba por ofuscar a questão mais ampla que supostamente significa esclarecer. Acontece que uma leitura atenta do círculo interno de QAnon – uma galeria de capitalistas semi-legais, operadores do deep state e demagogos de direita – revela muito sobre a dinâmica real da extrema-direita ressurgente.

Qualquer afirmação sobre a verdadeira identidade de Q, em última análise, dependerá de alguma especulação, mas o caso contra a dupla pai-filho Jim e Ron Watkins, os suspeitos centrais de *QAnon: Into the Storm*, é bastante forte. Eles possuem e têm controle pessoal exclusivo sobre o único website em que Q já postou, 8Kun (anteriormente conhecido como 8Chan). Mesmo quando o 8Kun foi retirado do ar por várias semanas, Q nunca postou em nenhum outro lugar. Apesar de afirmarem ser apolíticos, os Watkins não podem deixar de revelar ao longo do filme que compartilham a política de direita de Trump e Q – além do fato de Jim Watkins ter fundado o site de direita de conspiração chamado “The Goldwater”. Jim tem uma coleção de canetas e relógios caros; os mesmos itens que Q apresenta em suas postagens. De modo crucial, no final do documentário, após o tumulto no Capitólio, Ron diz que planeja começar a compartilhar publicamente a “pesquisa” sobre várias conspirações que ele havia publicado anteriormente de forma anônima no 8Kun. Esta revelação vem depois de negar não apenas o envolvimento político, mas até mesmo qualquer participação no site através de múltiplas entrevistas que aconteceram ao longo de mais de um ano. Q não publicou novamente desde aquela

última entrevista.

Por mais fascinantes que sejam os personagens principais do filme, as figuras que se aproximam ao fundo talvez mereçam ainda mais atenção. O próprio Presidente Trump impulsionou as contas de QAnon no Twitter, recusou-se a denunciar a teoria da conspiração durante múltiplas entrevistas e até apareceu para usar a linguagem inspirada em Q indiretamente para seus apoiadores mais extremos. O ex-conselheiro da Trump Steve Bannon esteve em contato com os Watkinses durante o período em que Q estava postando em seu fórum. Seu advogado representou os Watkinses quando 8kun ficou debaixo de fogo por hospedar conteúdo extremista, e ele pode até ter ajudado a financiar o advogado com uma quantia de US\$ 14.088 (uma cifra associada ao neonazismo). O general de três estrelas e conselheiro Trump Michael Flynn endossou abertamente QAnon. Talvez o mais significativo, o major general aposentado do exército americano Paul Vallely enviou representantes para compartilhar “informações” (teorias de conspiração infundadas) com blogueiros populares de QAnon e Youtubers. Vallely é autor de um artigo intitulado “From PSYOP to MindWar: The Psychology of Victory”, um manual para campanhas de desinformação militar.

Independentemente de alguma dessas pessoas ter ou não publicado sob o nome Q, sua conexão demonstrável com o fenômeno pinta um quadro de atores estatais colaborando com elementos fascistas da burguesia que operam à margem da lei para agitar a classe média branca em um frenesi violento. Este é um desenvolvimento significativo, que não é capturado por banalidades sobre os perigos de notícias falsas ou o recurso às generalizações cansadas sobre a psique americana em ensaios de espera como “O Estilo Paranóico da Política Americana”.

Embora a grande maioria da classe dominante e o estado capitalista estejam horrorizados com QAnon e até mesmo com o trumpismo dominante, certos setores decidiram claramente apoiar esta ideologia altamente irracional (até mesmo anti-racional) associada a alguns dos personagens mais sombrios que

se pode imaginar. Em QAnon, a bÍlis da raiva pequeno-burguesa se combinou com acesso ilimitado à mídia e endosso oficial das alturas do poder político para produzir as sementes de uma nova ideologia esotérica para a reação americana.

Da Convenção dos Palhaços aos Campos de Concentração

Nunca acredite que os antissemitas estejam completamente inconscientes do absurdo de suas respostas. Eles sabem que suas observações são frÍvolas, abertas a desafios. Mas eles estão se divertindo, pois é seu adversário que é obrigado a usar as palavras com responsabilidade, pois acredita nas palavras. Os antissemitas têm o direito de brincar. Eles até gostam de brincar com o discurso, pois, dando razões ridÍculas, desacreditam a seriedade de seus interlocutores. Eles se deleitam em agir de má fé, pois procuram não persuadir com argumentos sólidos, mas intimidar e desconcertar. Se vocÊ pressioná-los muito de perto, eles se calarão abruptamente, indicando com alguma frase que o tempo de argumento já passou.

(Jean-Paul Sartre)

Vale a pena voltar a Jim e Ron Watkins. Sua posição de classe poderia ser melhor descrita em termos marxistas como lumpenburguesia – aquele setor da burguesia que existe fora ou à margem da lei, ostracizada dos círculos sociais que normalmente estariam associados à sua classe devido à sua falta de respeitabilidade. Antes de comprar o 8Kun (8Chan na época), Jim fez seu primeiro grande negócio contornando as leis japonesas de censura ao produzir pornografia não censurada nas Filipinas que os telespectadores japoneses poderiam acessar. Sua persona na tela é a do brincalhão que ganha vida. Através da metade de sua aparição no documentário, ele usa um pequeno bigode absurdo. Ele conta mentiras óbvias para a câmara sobre sua política ou seu conhecimento de Q e depois ri como se estivesse compartilhando uma piada interna.

Ele aparece em sua audiência no Congresso com um alfinete Q e meias de pizza, e faz piadas sobre como ele não escovou os dentes para enojar seus interrogadores. Seu filho Ron, na maioria das vezes, coloca uma cara mais séria. Ele projeta mistério: até 2020, é quase impossível encontrar on-line qualquer coisa de sua história. Ele cita Sun Tzu e fala de seu (francamente menos do que impressionante) treinamento em artes marciais. Mas então ele mostra sua boneca sexual recém-adquirida e tenta levar o cineasta para “Soapland”, essencialmente um salão de massagens sensuais. Tanto pai quanto filho insistem continuamente que são apolíticos, que não sabem nada sobre Q, enquanto não fazem nenhum esforço para esconder suas conexões com QAnon ou seu envolvimento na política da direita. Cada um deles parece comportar-se deliberadamente como caricaturas de si mesmos.

Estas características perversas não são apenas caprichos patetas. Elas são ferramentas no arsenal fascista. Não limitados pelos ditames da razão ou do decoro, os provedores de teorias de conspiração reacionárias são livres para inventar ou insinuar as histórias mais obscenas que se possa imaginar. Para seu público, não importa se o argumento faz sentido racional, pois corresponde à sua percepção de um tecido social em desintegração à medida que o capitalismo esmaga a classe média. Mais importante ainda, ele justifica sua trajetória política já estabelecida em direção a uma política explicitamente supremacista, eugenista e antidemocrática como um meio de assegurar ou restaurar seu próprio status de classe.

Historicamente, a grande burguesia teve que confiar em personagens e métodos como estes para realizar seu trabalho sujo. O exemplo mais óbvio disto é o da Alemanha nazista. Os grandes negócios superaram sua aversão pela cruzeza de Hitler e abraçaram o nazismo como um cacetete contra a classe trabalhadora, o comunismo e o capital estrangeiro. Do ponto de vista do capital, o antisemitismo nazista foi um excesso

ideológico que escapou dos limites da “verdadeira missão” do fascismo de destruir o movimento operário, e até mesmo dificultou o esforço de guerra. Mas este excesso ideológico era de fato essencial para mobilizar as massas de pessoas requeridas pelo capital a fim de cumprir sua tarefa subjacente. Isto não poderia ser realizado pelos “respeitáveis” representantes dos burgueses. Somente alguém como Hitler, palhaço como ele era, poderia aproveitar sua própria raiva com autenticidade suficiente para capturar os sentimentos das classes médias proletárias e dos proletários desclassificados que se reuniam em torno do partido nazista.

Através das lentes desta história, podemos ver um padrão algo familiar, porém ainda incipiente, emergindo com QAnon. Para os nazistas, a “grande mentira” que mobilizou as massas contra todos os inimigos da capital alemã foi o mito da “facada nas costas” – que judeus, comunistas e finanças internacionais haviam traído a causa alemã na Primeira Guerra Mundial e levado à sua derrota e humilhação no cenário mundial. Nesta narrativa, os judeus são logicamente necessários como o tecido conjuntivo entre dois grupos (comunistas e capital financeiro) que de outra forma pareceriam ser inimigos naturais.

Hoje, nos Estados Unidos, um padrão semelhante está surgindo. Um novo consenso sobre a direita tem surgido em torno da vilipêndio do capital estrangeiro (especialmente chinês), dos imigrantes e dos movimentos pelos direitos civis. QAnon une todos esses fios ao identificar políticos liberais e grandes líderes empresariais como mestres fantoches puxando os cordões das massas negra e parda para criar o caos social e encobrir seus atos nefastos. As alegações de fraude eleitoral maciça abrem o caminho para uma restrição da franquias, eliminando o problema de enfrentar a maioria dos imigrantes da classe trabalhadora e os negros nas urnas.

Na maior parte das vezes, mesmo canais de direita ainda não tocam QAnon explicitamente – mas seus ecos chegaram ao mainstream. Em 2020, o movimento “Save our Children”

floresceu, enquanto dezenas de milhares saíram às ruas contra o tráfico de crianças, com base na absurda alegação impulsionada pela QAnon de que 800.000 crianças por ano estão desaparecidas. Depois que a poeira assentou em 6 de janeiro, respeitadas publicações conservadoras começaram a chamar abertamente para restringir a marca. Os políticos republicanos e os especialistas conservadores fazem insinuações sobre as grandes empresas que conspiram contra a América quando assumem uma posição (performativa) contra as leis de voto racistas. O “Q” pode nunca mais voltar, mas a política americana continua no caminho que eles trilharam.

Profecia adiada

A sociedade é salva com a mesma frequência que os círculos de contratos de seus governantes, pois um interesse mais exclusivo é mantido contra um interesse mais amplo. Toda exigência da mais simples reforma financeira burguesa, do liberalismo mais comum, do republicanismo mais formal, da democracia mais superficial, é simultaneamente castigada como uma “tentativa de sociedade” e estigmatizada como “socialismo”. E finalmente, os próprios sumos sacerdotes da “religião e ordem” são expulsos com pontapés de seus tripés Píticos, arrancados de suas camas na escuridão da noite, colocados em camionetas de prisão, jogados em calabouços ou enviados ao exílio; seu templo é arrasado ao chão, sua boca é selada, suas canetas quebradas, sua lei despedaçada em nome da religião, da propriedade, da família, da ordem. Os fanáticos burgueses pela ordem são abatidos em suas varandas por multidões de soldados bêbados, seus santuários domésticos profanados, suas casas bombardeadas por diversão – em nome da propriedade, da família, da religião e da ordem. (Marx, 18º Brumário de Louis Bonaparte)

Depois de ter investigada a ideologia que está dirigindo os desordeiros, devemos voltar aos eventos culminantes em

questão. Qual é o significado de 6 de janeiro? Segundo alguns democratas, foi um evento catastrófico que ameaçou derrubar nossa democracia. Apesar desta retórica histórica, o partido não conseguiu formar seu próprio comitê de investigação no Congresso sem a participação dos republicanos – o mesmo partido que eles alegam ter tentado destruir a república há apenas 6 meses. Muitos da esquerda responderam a esta hipocrisia ridícula, descartando completamente o significado do motim: “Eles eram apenas uns esquisitos suburbanos malucos sem nenhum plano – nada de muito para ver aqui”. Esta descrição dos desordeiros é provavelmente mais correta do que a de alguns democratas que gostariam de pintá-los como terroristas endurecidos. Mas o fato de que esta coleção de imbecis sem forma foi mobilizada de uma nova maneira não tem pouco significado.

Os “revoltosos do Capitólio” de 6 de janeiro endossam universalmente a política de “lei e ordem”. E ainda assim, os acontecimentos do dia oscilaram entre crises de violência assustadora e um tanto carnavalesca, mas basicamente uma inofensiva suspensão das regras comuns. Seria fácil dizer aqui algo curto sobre a ironia da hipocrisia de todo o espetáculo. Uma observação muito mais significativa deveria ser feita: tendo chegado ao seu destino, os chamados insurreicionistas não sabiam o que fazer. Eles desfilaram ao redor dos salões. Eles colocaram os pés sobre a mesa de Nancy Pelosi. Eles roubaram algumas lembranças. Algumas fezes humanas manchadas ao redor do edifício. Os mais sérios tentaram encontrar e raptar pessoas do congresso – mas, na maioria das vezes, tiraram selfies ou fizeram transmissões para seus amigos online. Este fenômeno é, em parte, uma extensão da política das teorias de Q. Teorias da conspiração, por sua própria natureza, pode ter um aspecto pacificador. Se tudo está acontecendo na sombra, então a política de massa é obsoleta. Durante a maior parte do ciclo de vida da Q, isto foi tornado explícito. Trump já estava por trás dos bastidores, arredondando para cima os pedófilos. Os seguidores de Q apenas

tinham que, como disse um “Q drop”, “Pegue algumas pipocas. Aproveite o Show”. Uma política baseada puramente na espera de um líder profético para eliminar secretamente o inimigo nunca poderia ter levado a uma ação direta bem pensada e eficaz.

Apesar desta tendência parcial, QAnon demonstrou claramente uma capacidade de mobilizar as pessoas, caso contrário, elas não teriam chegado ao Capitólio em primeiro lugar. Q foi um ponto de encontro eficaz para toda a fúria da classe média branca americana. Com as lutas por imigração e direitos de voto ainda muito em curso, uma crise climática ainda maior no horizonte, e uma competição global cada vez maior no mercado mundial, essa fúria fervilhante só vai aumentar até ferver. Em nome da “lei e da ordem”, as forças que compareceram ao Capitólio em janeiro só recorrerão a métodos cada vez mais violentos e extremos. Embora a repressão da polícia contra eles os tenha atrasado, seus números crescerão a longo prazo.

Em janeiro, o antigo profeta de QAnon, Donald Trump, os abandonou. Ele lhes deu suas ordens de marcha ao Capitólio, dizendo que os conduziria e depois os deixaria à sua própria sorte. Depois de tweetar seu apoio por um tempo, até mesmo esta magra solidariedade desapareceu quando ele disse aos desordeiros no Twitter “É hora de ir para casa”. Por fim, sua covardia e seu instinto de autopromoção e autopreservação compensaram seu compromisso com a política da direita. Mas todo o espetáculo foi sempre apenas uma corrida à seco. No futuro, líderes mais comprometidos surgirão para assumir a mesma política sob um novo nome.

Os remanescentes de QAnon já estão sendo dobrados para o conservadorismo convencional. Em 16 de abril, um documento de plataforma vazou para uma bancada de ultra-direita do Congresso, “America First”, liderada pela apoiadora aberta de QAnon Marjorie Taylor Green. A ideologia animadora desta plataforma é baseada no mito da “Grande Substituição”: a ideia de que as elites estão substituindo os brancos na América por imigrantes pardos e criminosos negros. Este mito se cruza

diretamente com a conspiração de QAnon sobre fraude eleitoral maciça substituindo os votos (brancos) para Trump por votos ilegítimos – onde “ilegítimos” abrange os votos supostamente fabricados, assim como os votos de imigrantes e de pessoas de cor. Apesar do papel preseunçoso deste documento, e do posterior recuo de Taylor Green, ele representa um plano para um novo consenso de direita na era pós-Trump.

A direita conspiratória-beligerante não é mais apenas um show de aberrações online. Ela fez sentir sua presença nas ruas, e não pode mais ser ignorada. Não basta simplesmente expor a falsidade de suas reivindicações ou sujeitá-las ao ridículo. De fato, a noção de que “expor a verdade” em si é suficiente para mudar o equilíbrio da política é uma das maiores falhas do pensamento conspiratório. Tampouco podemos contar com as instituições do poder estatal para vir em nosso socorro. Em vez disso, a esquerda, e qualquer um que apoie a democracia, deve construir a capacidade de combater esta ameaça reacionária com ações reais.